
MÚSICA

3 NOVEMBRO '07

LE DÉSSERT

Concerto integrado no ciclo 'Os Filhos de Abraão'

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



SÁB 3 NOVEMBRO 2007 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30
DURAÇÃO 1H30 COM INTERVALO · M/6

Tenor Mário João Alves
Narrador Diogo Dória
Direção musical Nader Abbassi
Coro do Teatro Nacional de São Carlos
Orquestra Sinfónica Portuguesa

Co-produção Culturgest, Teatro Nacional de São Carlos

PROGRAMA

Camille Saint-Saëns
Une Nuit à Lisbonne, op.63
Suite Algérienne, op.60

intervalo

Félicien-César David
Le Désert, para tenor, narrador, coro e orquestra

Orientalismo ou Exotismo no Romantismo de David e Saint-Saëns

“O Homem, quando contempla a magnificente unidade de uma paisagem da natureza, torna-se consciente da sua própria insignificância e, sentindo que tudo é uma parte de Deus, perde-se no infinito e renuncia à sua existência individual”

CARL GUSTAV CARUS (1831)¹

O orientalismo (ou exotismo), enquanto corrente do romantismo europeu, poderá ser interpretado como uma natural extensão de uma tendência para a procura, nas sociedades ditas menos desenvolvidas, da pureza primitiva julgada perdida na Europa industrializada e tecnocrata do século XIX. O artista europeu, nesta busca da essência primordial e pura do homem, encontrava, longe dos grandes centros urbanos europeus – fosse nas próprias zonas rurais dos seus países, fosse em regiões periféricas da grande Europa, fosse ainda, numa cultura cada vez mais estranha e vista como genuína, no Próximo Oriente ou no Norte de África –, aquilo que julgava ser tanto uma natureza intacta, liberta da intervenção industrial humana, como um Homem limpo dos padrões austeros, sociais, políticos e económicos,

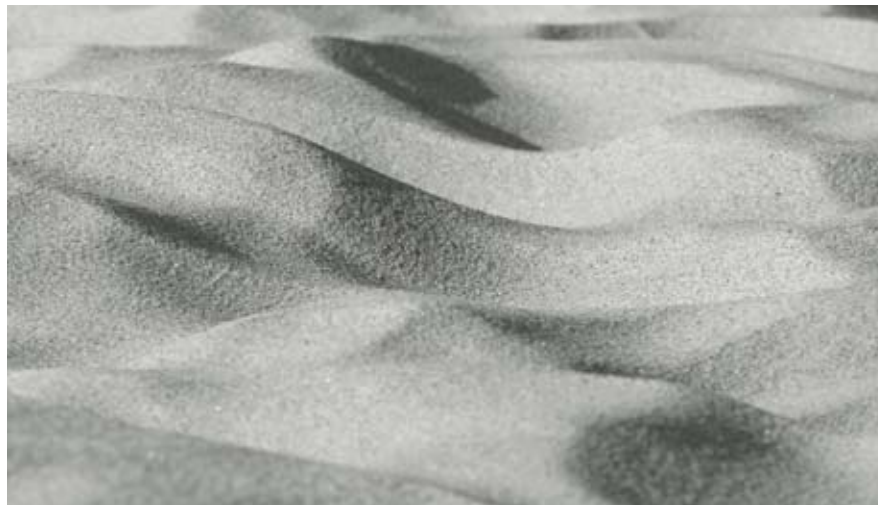
impostos no velho continente. Esta tendência, um certo *mal de vivre*, consequência de uma ideia de decadência moral associada à vivência do Homem urbano do século XIX ocidental, começa a surgir ainda nos finais do século XVIII mas ganha particular força ao longo de todo o século XIX e ter-se-á estendido pelo século XX.

Mas, para compreender esta particular manifestação de fuga centrípeta, outros elementos são igualmente importantes, conceitos que vão surgindo ao longo do século XIX, potenciados quer por novas teorias científicas, históricas ou antropológicas, quer pela progressiva absorção de ideias anteriores, derivadas inclusivamente do iluminismo – aparente oposição racional aos ideais emocionais românticos –, cujo verdadeiro alcance só então se começava a apreender: a liberdade subjectiva do indivíduo (e do artista), em mais uma clivagem com o peso da sociedade mecânica de massas, onde o Homem se aventura pelo desconhecido usufruindo de tudo o que o mundo enorme, para além da Europa ocidental, lhe desvendava; o fascínio pela natureza intocada pelo Homem, numa óbvia derivação das teorias de Rousseau, num assumir da pequenez desse Homem perante a força quase mística da natureza, força essa que só alcança precisamente quando, alienado e intocado pela sociedade ocidental, se

1. Citado em BRION, Marcel, *Art of the Romantic Era*, Frederick Praeger, Nova Iorque, 1966, p. 110.

mantém próximo da sua essência natural e primordial; e, quase paradoxalmente, um certo nacionalismo colonialista, numa postura sensivelmente turística de condescendência para com o pitoresco dos mundos conquistados que produzirá, em associação com os elementos anteriores, uma visão autocentrada do mundo exterior necessariamente divergente da verdadeira realidade. Todas estas questões influenciaram, de formas forçosamente diferentes, o romantismo enquanto corrente estética e, talvez mais importante, enquanto modelo de entendimento nos grandes centros do pensamento europeu – Alemanha, Inglaterra, França e Itália.

O eco deste exotismo reflectir-se-ia em várias produções artísticas do século XIX, estando geralmente associado a artistas viajantes, artistas que visitavam esses locais longínquos e estranhos (a própria ideia de viagem – seja geográfica, seja para o interior emocional do indivíduo – é mais um conceito extremamente caro aos artistas românticos), e adaptando-se evidentemente às especificidades das diferentes formas de arte. Na produção musical do século XIX estes elementos estrangeiros surgem tanto na escolha temática das obras – lembre-se que, associada à ideia de liberdade do sujeito pensante, surgiram, durante o romantismo, géneros musicais (o poema sinfónico é o exemplo mais frequente) cuja liberdade formal permitia a adaptação a qualquer pretensão programática – como no recurso a elementos musicais técnicos importados das culturas estrangeiras a retratar (numa atitude que não pode ser comparada, pela ausência de rigor antropológico e alguma



propositada ingenuidade, a qualquer pesquisa etnográfica séria encontrada em alguns compositores já do século XX). Refira-se ainda que, sendo a música uma arte abstracta por natureza, no sentido em que nenhum conceito objectivo pode ser claramente expresso musicalmente, qualquer retrato geográfico será necessariamente subjectivo e reflectirá uma visão impressionista, uma espécie de atmosfera de sensações, do local ou da região a representar. Neste contexto, a liberdade formal, a não imposição de formas clássicas predefinidas, torna-se essencial para permitir ao compositor procurar livremente expressar as suas visões/sensações e recorrer aos tais elementos sonoros específicos, seja utilizando instrumentos musicais regionais, seja valendo-se de combinações tonais/modais próprias das regiões, ou, pelo menos, com elas conotáveis.

Percursor neste novo modelo de arte musical, que irá produzir seguidores tanto ainda no período romântico como no modernismo do início do século XX, Félicien-César David (1810-1876) viveu inevitavelmente imbuído no espírito romântico. Tendo completado a sua formação no Conservatório de Paris, adere, em 1831, ao movimento saint-simonista – uma espécie de seita proto-socialista que defendia, entre outras coisas, a abolição da propriedade individual – em nome do qual realizará uma longa viagem até ao próximo oriente com o intuito de espalhar a sua mensagem. Permanecerá cerca de dois anos no Cairo, no Egipto, tendo ficado fascinado pela civilização que descobre. Esta estadia marcará a sua música de forma constante e, enquanto permaneceu no Egipto, foi absorvendo traços musicais que se mostrariam na obra composta

já quando regressado a Paris, em 1835. As suas *Mélodies Orientales* (1836), para piano, são o primeiro exemplo desta orientação, anunciando o que viria a ser a parte mais substancial da sua obra.

Embora esta atitude de interesse pelo mundo extra-europeu não fosse novidade, David seria um pioneiro ao trazer, para a música erudita ocidental, elementos assumidamente estrangeiros e pitorescos, indo ao encontro de uma tendência já evidente nas outras artes. Assim, quando em 1844 é estreada a obra *Le Désert*, totalmente composta em França mas claramente marcada pela sua passagem pelo oriente próximo, o sucesso foi imediato sendo a obra fortemente louvada por Berlioz. A peça encaixava-se perfeitamente no ideal orientalizante do romantismo tendo iniciado uma nova estética, seguida mais tarde por compositores franceses como Gounod, Bizet e Saint-Saëns (de alguma forma os compositores do século XX como Debussy, Ravel ou até Messiaen poderão ainda ser encarados, quando recorrendo a determinados exotismos melódicos, como sucessores desta corrente).

A estrutura da obra é surpreendente quer pela complexidade formal – o compositor apelidou-a de *Ode Symphonie*, expondo três partes claramente descritivas, como que retratos de diferentes momentos de uma travessia do deserto, entremeadas com descrições narradas, quase poéticas – quer pelo efectivo vocal/instrumental – a obra recorre a praticamente todos os novos instrumentos de sopro, recentemente melhorados ou inventados, bem como a um coro masculino com um solista e

um narrador. Cada uma das partes abre com uma pequeníssima introdução instrumental que, quando em suspenso, dá lugar ao narrador que fará a descrição subjectiva e sensorial do momento musical que se aproxima. Mas tanto na primeira parte como na terceira o texto narrado volta a surgir noutros pontos, demarcando formalmente mais momentos musicais. O texto cantado remete para rezas muçulmanas em louvor a Alá, numa aura evidentemente mística. Melodicamente o carácter é esporadicamente modal sendo nalguns desenhos evidenciado o intervalo de 2.^a aumentada, elemento tipicamente conotado com a música árabe. Ao longo da “viagem musical” o ouvinte acompanha uma caravana pelo deserto, atravessando a dado momento uma forte tempestade (1.^a parte), pernoitando uma noite (2.^a parte) ou assistindo ao nascer do sol (3.^a parte). Cada momento tem o seu motivo e carácter musical próprios. No fim, quando, depois da aurora, a caravana retorna a sua marcha, são repetidos os elementos iniciais da travessia que haviam sido apresentados na primeira parte. Uma narrativa linear que confere uma forma musical correspondente, próxima do A,B,A’.

Fortemente influenciado pelo exotismo, Camille Saint-Saëns (1835-1921) tem também, no conjunto da sua obra, firmes traços orientalizantes, embora estas marcas surjam de forma mais esporádica. Compositor, organista e pianista, cuja precocidade é por vezes comparada com a de Mozart, Saint-Saëns estudou igualmente, como David, no Conservatório de Paris e possui uma

obra invulgarmente vasta e diversificada, incluindo também ensaios e crítica musical além de outros trabalhos científicos não musicais. Defensor inicialmente da estética wagneriana, depressa se afasta desta em nome de uma maior clareza formal e racional e de um ideal nacionalista, comum em muitos compositores da segunda metade do século XIX. Funda, com compositores como César Franck e Gabriel Fauré, a Société Nationale de Musique com a intenção de apoiar a música de compositores franceses, tendo sido responsável pela estreia de inúmeras obras dos seus contemporâneos.

Saint-Saëns pôs-se em contacto com o resto da Europa, com o próximo oriente e com o continente americano, desde 1875, ao realizar *tournées* como concertista de renome, tendo-se ainda ligado, por razões de saúde, à antiga colónia francesa, a Argélia, onde viveu os seus últimos dias. Integrado no espírito do romantismo o seu trabalho já havia aflorado a temática mítica bem como o retrato sinfónico, em obras com títulos sugestivos como *Les Noces de Prométhée* e *Orient et Occident*, mas é a partir de 1880 que surgem as primeiras obras turístico-pitorescas retratando paisagens, momentos e gentes de culturas e regiões extra-europeias.

A *Suite Algérienne* (1880) é precisamente a primeira dessas obras. Num conjunto de quatro quadros Saint-Saëns retrata outros tantos momentos de uma visita a Argel. A chegada ao porto, um café da cidade, uma noite em Blidah (*réverie du soir* – curiosamente um título idêntico ao utilizado por David para denominar uma secção interna da

2.^a parte de *Le Désert*) e, por fim, a passagem de uma coluna militar francesa, como que lembrando, agora de fora, a sua pátria natal. Cada quadro é monotemático e explora as ideias musicais tanto através de um efectivo ricamente preenchido em metais e diferentes percussões como, tal como acontecia em David, através do recurso a alguns modalismos, agora mais evidentes, abordando, ainda de forma meramente intuitiva, a atmosfera musical local. No início de cada parte, um texto de síntese introduz o intérprete na intenção musical, explicando a panorâmica da experiência vivida que deverá agora ser retratada e poetizada.

No romantismo da Europa ocidental a procura do exótico poderia não afastar-se muito da terra de origem. As muitas incursões no repertório espanhol, especialmente andaluz, por parte de vários compositores do norte da Europa são disso um exemplo. Assim, não se deverá enquadrar a barcarola *Une Nuit à Lisbonne*, composta por Saint-Saëns apenas um ano depois de *Suite Algérienne*, de uma forma diferente do restante repertório de viagem do autor. O pitoresco está novamente presente nesta pequena peça que apresenta um único motivo temático, explorado pela instrumentação rica de uma orquestra já mais reduzida. Novamente as imagens visuais parecem impor-se sobre o som, aludindo, até pelo próprio subtítulo, ao balançar constante do rio colado à cidade. Se em David o misticismo é evidente, numa alusão a uma força da natureza que se impõe sobre quem vive a experiência, já esse excesso romântico parece diluir-se nas

obras mais racionais de Saint-Saëns: na *Suite Algérienne* o retrato turístico ainda guarda alguma mística em sonoridades orquestrais menos comuns, sobretudo nas percussões; em *Une Nuit à Lisbonne* o descritivo quase pictórico parece apontar para uma mera nostalgia de vivência, ainda evidentemente romântica mas muito menos exacerbada.

TIAGO CUTILEIRO

BIOGRAFIAS



NADER ABBASSI

Em 2001, Nader Abbassi, um músico com uma experiência variada, designadamente como compositor, cantor e fagotista, foi nomeado director artístico e maestro principal da Orquestra da Ópera do Cairo.

Abbassi é também director artístico e maestro principal da Orchestre pour la Paix, Paris, que actua regularmente na Europa e, mais recentemente, se apresentou no Théâtre du Châtelet em Paris.

Para além de se dedicar às obras sinfónicas do repertório tradicional, a sua reputação tem vindo a crescer enquanto maestro de ópera e ballet. Em 2002 dirigiu uma mega produção de *Aida* junto às pirâmides de Gizé. Desde então tem conduzido com grande sucesso numerosas produções na Ópera do Cairo (entre outras, *La Traviata*, *Madama Butterfly*, *Tosca*, *Cavalleria Rusticana*, *Il Pagliacci*, *A Flauta Mágica*, *Quebra-nozes*, *Romeu e Julieta*, *Zorba*, *Carmina Burana*, *Le Sacre du Printemps*).

Em 2006 Nader Abbassi dirigiu a ópera esquecida de Menotti *Maria*

Golovine, com a presença do compositor, na Ópera de Marselha. Foi de seguida convidado para dirigir *Un Ballo in Maschera* e *Aida* de Verdi em 2008. Outras produções próximas que se seguem incluem a *Aida* na Ópera de Xangai ou a direcção da Sacramento Philharmonic Orchestra nos EUA.

Foi convidado para dirigir diversas orquestras internacionais, como Sinfonieorchester Basel, Staatsphilharmonie Rheinland-Pfalz, Philharmonisches Orchester Heidelberg, Orchester des Richard Strauss Konservatoriums, Munique (Alemanha), Orchestre Philharmonique de Marseille, Orchestre pour la Paix, Paris (França), Orchestre de Chambre de Genève, Orchestre de la Suisse Romande (Suíça), Chaliapin and Nuriev Festival com a Bashkir Opera Orchestra (Rússia), Orquestra Sinfónica de Guanajuato (México), Norköpping Philharmonique Orchestra (Suécia), EuroOrchestra da Camera di Bari (Itália), e recentemente foi convidado, no Verão de 2007, para conduzir a mega produção de *Aida* no Teatro da Floresta em Tessalónica (Grécia), com a Orquestra da Ópera do Cairo e a Companhia de Ballet do Cairo com solistas de renome e o coro de Tessalónica. Também no Verão deste ano foi escolhido para dirigir o concerto do 50.º aniversário da Orchestre de Chambre de Genève.

Pelas obras que compôs recebeu vários prémios do Ministério da Cultura do Egipto, incluindo o 1.º prémio de composição em 1986 e 1996.

Entre outros, a Companhia de Ballet de Genebra, a Orchestre de Chambre

de Genève e o grupo Swiss Clarinet Players, encomendaram-lhe obras.

Ganhou um primeiro prémio enquanto fagotista em 1990.

Em 1996 recebeu o prémio de canto do Conservatório de Genebra.

Enquanto cantor apresentou-se como solista nos domínios da ópera, do lied, da oratória, da música barroca e contemporânea.

Em várias temporadas Nader Abbassi foi o primeiro fagotista da Orquestra Sinfónica do Cairo e actuou como solista com a Orchestre de Chambre de Genève. Tocou regularmente com a Orchestre de Chambre de Lausanne e com o Ensemble Vocal e Instrumental da mesma cidade sob a direcção de Michel Corboz, tendo participado em diversas gravações.



MÁRIO JOÃO ALVES

Nasceu em Perafita. Realizou os seus estudos de Canto com Fernanda Correia, nos Conservatórios do Porto e Gaia, aperfecendo-se depois em Turim e Salzburgo.

Cantou Ferrando (*Così fan Tutte*), Pedrillo (*Rapto no Serralho*), Conde de Almaviva (*Il Barbiere di Siviglia*); Nemorino (*L'Elisir d'Amore*); Peter,

Mr. Keen, Lucien e Counsel for the Defense (*The English Cat*), St. Syephen (*Four Saints in Three Acts*), Ali (*Adina*), Le Clerc (*Jeanne d'Arc au Bûcher*) e Ivan (*O Nariz*) no Teatro Nacional de São Carlos; Agenore (*Il Re Pastore*) no Teatro Fraschini di Pavia e no Teatro Sociale di Como; Aronne (*Mosè in Egitto*) no Teatro Verdi di Sassari; Monostatos (*A Flauta Mágica*) no Teatro La Fenice de Veneza, no BAM de Nova Iorque e no Théâtre La Monnaie de Bruxelas; Nemorino (*L'Elisir d'Amore*) em Tóquio, Kyoto, Sapporo e Takamatsu; Pedrillo (*Rapto no Serralho*) no Teatro Piccinni di Bari e Quincena de San Sebastian; Captain MacHeath (*Beggar's Opera*), Albert (*Albert Herring*) e Herr M. (*Neues vom Tage*) no Teatro Aberto; Tamino (*A Flauta Mágica*) no Festival Musicatlântico; Paolino (*Il Matrimonio Segreto*) na CAE; Semprónio (*Lo Speciale*) no Teatro Nacional de São João; La Théière, L'Arithmetique e La Rainette (*L'Enfant et les Sortilèges*) no Coliseu do Porto; Dom Gilvaz (*Guerras de Alecrim e Mangerona*) no Teatro D. Maria II; Proteu (*As Variedades de Proteu*) Artemrede; Governador (*O Doido e a Morte*) em Aveiro e no Porto; Harry (*La Fanciulla del West*), Maintop (*Billy Budd*) e Le Pasteur (*Oedipus Rex*) no Teatro Regio di Torino.

Como intérprete de concerto e oratória apresenta-se com a generalidade das orquestras nacionais, nomeadamente com a Fundação Calouste Gulbenkian e a Orquestra Sinfónica Portuguesa.



DIOGO DÓRIA

Actor desde 1975, começa a desenvolver os seus próprios projectos em 1980 com a peça *O Expulso* de Samuel Beckett.

Encena e representa autores do Nouveau-Roman nomeadamente Nathalie Sarraute, Robert Pinget, e Beckett.

O seu trabalho no palco como actor e encenador afirma as suas características e opções estéticas. Embora trabalhe geralmente como independente, tem colaborado com várias companhias e grupos de teatro. Representou em Espanha e na América do Sul, na companhia de José Luiz Gomez (teatro de l'Abadia) e na Suíça dirigido por Dominique Ducos.

Em cinema, é um dos actores de Manoel de Oliveira, tendo participado em 14 dos seus filmes. Trabalhou também com realizadores como Mário Camus, Wim Wenders, e Raul Ruiz entre outros.

Orquestra Sinfónica Portuguesa

I VIOLINOS

Xuan Du Concertino Principal
Alexander Stewart Concertino Adjunto
Pavel Arefiev Concertino Adjunto
Leonid Bykov Concertino Assistente
Veliana Hristova Concertino Assistente
Alexander Mladenov
Anabela Guerreiro
António Figueiredo
Asmik Bartikian
Ewa Michalska
Iskrena Yordonova
Jorge Gonçalves
Laurentiu Ivan Coca
Luís Santos
Margareta Sandros
Marjolein de Sterke
Natalia Roubtsova
Nicholas Cooke
Pedro Teixeira da Silva
Regina Stewart

II VIOLINOS

Jan Schabowski Coordenador de Naípe
Klara Erdei Coordenador de Naípe Adjunto
Rui Guerreiro Coordenador de Naípe Adjunto
Mário Angelov Coord. de Naípe Assistente
Nariné Dellalian Coord. de Naípe Assistente
Aurora Voronova
Carmélia Silva
Inna Reshetnikova
Isabel Barão
Kamélia Dimitrova
Katarina Majewska
Maria Filomena Sousa
Maria Lurdes Miranda
Slavomir Sadlowski

Sónia Carvalho
Tatiana Gaivoronskaia
Witold Dziuba

VIOLAS

Pedro Saglimbeni Muñoz Coord. de Naípe
Céciliu Isfan Coordenador de Naípe Adjunto
Galina Savova Coordenador de Naípe Assistente
Cécile Pays Coordenador de Naípe Assistente
Etelka Dudas
Isabel Teixeira da Silva
Joaquim Lima
Maria Cecília Neves
Maria Lurdes Gomes
Massimo Mazzeo
Rogério Gomes
Ruth Forbes
Sandra Moura
Ventsislav Grigorov
Vladimir Demirev

VIOLONCELOS

Irene Lima Coordenador de Naípe
Hilary Alper Coordenador de Naípe Adjunto
Kenneth Frazer Coordenador de Naípe Adjunto
Aida Zupancic Coordenador de Naípe Assistente
Alberto Campos Coord. de Naípe Assistente
Diana Savova
Emídio Coutinho
Gueorgui Dimitrov
Luís Clode
Margarida Matias
Maria Lourdes Santos

CONTRABAIXOS

Pedro Wallenstein Coordenador de Naípe
Petio Kalomenski Coordenador de Naípe
Adriano Aguiar Coordenador de Naípe Adjunto
Duncan Fox Coordenador de Naípe Adjunto
Anita Hinkova Coordenador de Naípe Assistente
João Diogo
José Mira

Manuel Póvoa
Svetlin Chiskov

FLAUTAS

Katharine Rawdon Coordenador de Naípe
Nuno Ivo Cruz Solista A
Anthony Pringsheim Solista B
Anabela Malarranha Solista B

OBOÉS

Hristo Kasmetski Coordenador de Naípe
Ricardo Lopes Solista A
Elizabeth Kicks Solista B
Luís Marques Solista B
Laura Marcos Solista B

CLARINETES

Francisco Ribeiro Coordenador de Naípe
Joaquim Ribeiro Solista A
Félicio Figueiredo Solista B
Jorge Trindade Solista B

FAGOTES

David Harrison Coordenador de Naípe
Carolino Carreira Solista A
João Rolo Brito Solista B
Piotr Pajak Solista B

TROMPAS

António Nogueira Coordenador de Naípe
Laurent Rossi Solista A
Paulo Guerreiro Solista A
António Rodrigues Solista B
Carlos Rosado Solista B
Tracy Nabais Solista B

TROMPETES

Jorge Almeida Coordenador de Naípe
António Quítalo Solista A
Latchezar Goulev Solista B
Pedro Monteiro Solista B

TROMBONES

Hugo Assunção Coordenador de Naípe
Jarrett Butler Solista A
Fernando Faria Solista B
Vítor Faria Solista B
Alexandre Vilela*
Tiago Noites*

TUBA

Ilídio Massacote Solista A

TÍMPANOS E PERCUSSÃO

Elizabeth Davis Coordenador de Naípe
Richard Buckley Solista A
Lídio Correia
Pedro Araújo e Silva
José Vitorino*

HARPA

Carmen Cardeal Solista A

* Reforço

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

SOPRANOS

Ana Cosme
Ana Luísa Assunção
Ana Rita Cunha
Ana Sofia Franco*
Angélica Neto
Ana Maria Serro
Cármén Matos*
Filipa Lopes
Glória Saraiva
Isabel Biu
Isabel Silva Pereira
Luísa Brandão
Maria do Anjo Albuquerque
Raquel Alão*
Rita Paiva Raposo
Sandra Lourenço
Sónia Alcobaça
Teresa Gomes

MEIO-SOPRANOS

Ana Cristina Carqueijeiro
Ana Margarida Serôdio
Ana Maria Neto
Ângela Roque
Cândida Simplício
Cátia Moreso*
Isabel Assis Pacheco
Laryssa Savchenko
Luísa Lucena
Luísa Tavares
Madalena Boléo*
Manuela Teves
Maria Antónia Andrade
Maria da Conceição Martinho
Natália Brito*
Neide Gil
Susana Moody

TENORES

Alberto Lobo da Silva
Alcino Vaz
Álvaro de Campos
Aníbal Real
Arménio Afonso Granjo
Carlos Pocinho
Carlos Silva
Diocleciano Pereira
Fernando Carvalho
Francisco Lobão
João Gilberto Rodrigues*
João Miguel Queirós
João Miguel Rodrigues
Luís Castanheira
Mário Silva
Miguel Calado
Nuno Cardoso
Vítor Carvalho

OPART

Organismo de Produção Artística – EPE

Conselho de Administração

Presidente Pedro Moreira
Vogais Carlos Vargas, Henrique Ferreira

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Director Artístico Christoph Dammann
Adjunto do Director Artístico e Director de Elencos Sven Müller
Maestro Titular do Coro do TNSC Giovanni Andreoli
Director Técnico Francisco Vicente
Directora da Produção Alda Giesta
Coordenadora de Gestão Artística Alessandra Toffolutti
Coordenadora do Gabinete de Imagem, Comunicação e Publicações Paula Vilafanha
Relações Públicas Ana Fonseca
Coordenadora Organizativa do Coro e da Orquestra Patrícia Ribeiro

BARÍTONOS E BAIXOS

Aleksandr Jerebtsov
António Louzeiro
Carlos Homem
Carlos Pedro Santos*
Ciro Telmo
Costa Campos
Daniel Paixão
David Ruella
Eduardo Viana
Frederico Santiago
João Miranda
João Rosa
Joel Costa
Jorge Rodrigues
Mário Pegado
Osvaldo Sousa
Simeon Dimitrov
* Reforços

Sector Técnico-Artístico

Director de Estudos Musicais e Director Musical de Cena João Paulo Santos
Director de Cena Bernardo Azevedo Gomes
Adjunta da Direcção de Cena Paula Meneses
Maestro Assistente do Coro Kodo Yamagishi
Maestro Correpetidor Nuno Lopes
Pesquisa e Documentação Musical Paula Coelho da Silva
Assistentes da Direcção Técnica e Produção Filomena Barros, Joana Camacho*
Coordenadora Técnica do Coro e da Orquestra Margarida Clode
Assistente da Coordenação Organizativa do Coro e da Orquestra Beatriz Loureiro
Gestão Artística Fátima Machado, Lucília Varela
Encarregado da Orquestra Jerónimo Fonseca
Serviço de Apoio à Orquestra Celeste Patarra*, Nuno Guimarães*
Secretária do Coro Margarida Cruz
Arquivo Musical Agostinho Sorriha, José Carlos Costa
Sector de Maquinistas José Silvério (Chefe do Sector), Graciano Lopes (Maquinista Chefe), Augusto Baptista, Luís Filipe Alves, Fernando Correia, José António Feio, José Luís Reis, Jacinto Matias, Manuel Friães da Silva, Carlos Pires, Nilo Lopes*, Joaquim Cândido Costa*, Carlos Reis*
Sector de Electricistas Pedro Martins (Chefe do Sector), Serafim Baptista, Victor Silva, Carlos Vaz, Carlos Santos, Paulo Godinho*, José Diogo*
Sector de Som e Vídeo Miguel Pessanha (Chefe do Sector), Luís Mateus dos Santos*
Contra-regra João Lopes (Chefe do Sector), Arnaldo Ferreira, Herlander Valente
Aderecista António Lameiro, José Luís Barata
Sector das Costureiras Zita Pires (Chefe do Sector), Maria de Lurdes Landeiro, Anabela Vicente, Maria José Santos*, Ana Paula Simaria*, Mirian Mendonça*
Gabinete de Imagem, Comunicação e Publicações Ana Rego (Designer), Anabela Tavares
Projectos Especiais Maria Gil
Serviço de Informática Pedro Penedo*

Sector Administrativo

Serviço de Assessoria Nuno Pólvora, Juliana Mimoso*
Serviço Financeiro João Pereira (Coordenador), Ana Maria Peixeiro (Coordenadora Adjunta), Rui Amado, António Pinheiro, João Ruela* (Inventário), Albano Pais (Tesoureiro)
Serviço de Pessoal Manuel Alves, Teresa Serradas Duarte, Marisa Leitão
Serviço de Bilheteiras Luísa Lourenço, Rita Martins, Fedra Mella*
Secretárias do Conselho Directivo Regina Sutre, Gabriela Metéllo
Património Cassiano Vieira, António Silva
Expediente e Arq. Administrativo Susana Santos, Miguel Vilhena, Sandra Correia, Rui Ivo Cruz*
Chefe do Economato e Limpeza Lurdes Mesquita
Serviço de Limpeza Maria de Lurdes Branco, Maria do Céu Bilhó, Maria Teresa Gonçalves
Maria Conceição Pereira, Maria Isabel Sousa*, Cesaltina Martins Pinto Marote*, Patrícia Pires*

* Colaboradores

PRÓXIMOS ESPECTÁCULOS QUI 8 · SEX 9 NOVEMBRO

PERFORMANCE / INSTALAÇÃO

DANÇA

SexyMF

De Ana Borralho & João Galante

Sala 1 · das 19h00 às 21h00 · M/16

Com direcção artística de Ana Borralho e João Galante, *sexyMF* é uma *performance*/instalação, para doze ou mais performers, com vídeo interactivo.

Baseado no imaginário erótico, *sexyMF* questiona as assimetrias que regulam as identidades sociais e as definições de masculino/feminino, criando um jogo de sexualidades possíveis, através de uma releitura dos corpos dos performers.

sexyMF é uma *performance*/instalação, de duas horas, onde o público pode circular pelo espaço, interagir com os vídeos e/ou estabelecer relação com os performers. Deseja provocar em cada espectador uma emoção forte perante a confrontação e comunicação directa através de personagens com uma exposição extrema e uma ambiguidade sexual óbvia.

ANA BORRALHO E JOÃO GALANTE

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

While going to a condition / Finore

De Hiroaki Umeda / S20

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h15 · M/12

Hiroaki Umeda é um artista pluridisciplinar: coreógrafo, bailarino, criador de som, imagem e luz. O seu trabalho é simultaneamente minimalista e radical, subtil e violento, muito ligado às suas raízes japonesas contemporâneas. Nascido em 1977, vive e trabalha em Tóquio. Em 2000 fundou a sua própria companhia "S20" e desde então criou as peças *Ni* (2001), *While going to a condition* (2002), *Looming* (2003) e *Finore* (2003), todas apresentadas em festivais de vanguarda.

Neste espectáculo são apresentados os solos *While going to a condition*, de 2002, e *Finore*, de 2003, com um intervalo entre eles.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55
WWW.CULTURGEST.PT
Edifício Sede da CGD
Rua Arco do Cego
1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO PRESIDENTE

Manuel José Vaz
VICE-PRESIDENTE
Miguel Lobo Antunes
VOGAL
Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES

DANÇA
Gil Mendo
TEATRO
Francisco Frazão
ARTE CONTEMPORÂNEA
Miguel Wandschneider
SERVIÇO EDUCATIVO
Raquel Ribeiro dos Santos

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO
Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO
Patrícia Blázquez
Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio

EXPOSIÇÕES
PRODUÇÃO E MONTAGEM
António Sequeira Lopes
PRODUÇÃO
Paula Tavares dos Santos
MONTAGEM
Fernando Teixeira
CULTURGEST PORTO
Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO
Filipe Folhadela Moreira
Joana Gonçalves ESTAGIÁRIA
Judite Jóia ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES
Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS
Catarina Carmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
E FINANCEIROS
Cristina Ribeiro
Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA
Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES
Horácio Fernandes

ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA
José Manuel Rodrigues

AUDIOVISUAIS
Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM
Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO
Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA
Fernando Ricardo CHEFE
Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA
José Luís Pereira CHEFE
Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR
Álvaro Coelho

FRENTE DE CASA
Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA
Manuela Fialho
Edgar Andrade

RECEPÇÃO
Teresa Figueiredo
Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO
Nuno Cunha